
O MESMO E O OUTRO: INVENÇÃO E DOMINAÇÃO*

Alessandra Carlos Costa**

RESUMO

O presente ensaio busca discutir a problemática do aparecimento da América no Ocidente vis-à-vis a perspectiva de Edmundo O’Gorman. O autor faz uma reavaliação crítica demonstrando a construção “lógica” de uma realidade inferiorizada, tornando-se, desse modo, pertinente abordar certas questões do gênero responsáveis por um discurso sexista.

O grande problema da história americana consiste, segundo Edmundo O’Gorman em *A Invenção da América*, em dar conta de uma explicação plausível sobre o aparecimento da América na cultura ocidental. A designação de que o continente foi descoberto passa, depois das inquietações de O’Gorman, a não dar conta do fenômeno histórico.

O que o autor faz em seu livro é averiguar a origem dessa idéia e, para tornar isso tornar possível, ele esgota todas as possibilidades lógicas para a aceitação da descoberta.

O que buscarei demonstrar neste ensaio é que a “Invenção” se tornou possível em função da estrutura mental dos europeus, moldada por uma tradição medieval comprometida com questões de ordem teológica

* A elaboração deste texto deveu-se, na sua orientação geral e em grande parte, a alguns dos tópicos abordados na disciplina Representação do Poder e da Alteridade no Discurso Cronístico ministrada no curso de Mestrado em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

** Mestranda em Estudos Literários na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG)

Neste ponto, será necessário ressaltar a questão do gênero, a qual possibilita a construção de um discurso sexualizador marcado por “binarismos classificatórios e hierarquizados”.¹ Alguns desses binarismos devem ser destacados: homem/mulher; ordem/desordem; civilizado/selvagem. O que irá se constatar acerca desse aspecto é que houve o privilégio da realidade masculina sobre a feminina. Em função disso, há a necessidade de uma reavaliação crítica que permita a desconstrução do discurso patriarcal e suas tendenciosas estratégias que fundamentam a sua pretensa segurança lógica e monolítica e a infabilidade da sua capacidade de representação da verdade,² pois, ele funciona como uma hierarquia sexual de valores e de poder.

Essas considerações são necessárias, pois, segundo o Prof. Pedro Fonseca, funcionam como preliminares teóricos para uma reavaliação do discurso cronístico.

A construção desse discurso sexualizador possibilitou à mentalidade ocidental cultivar um complexo de superioridade e garantiu o direito de conquistar civilizações que consideravam inferiores.

É nesse ponto que se dá a aculturação do Outro, que é Outro exatamente em função de suas diferenças culturais.

O que ocorreu foi um processo de ocidentalização, com o discurso centrado no *logos* masculino, daí a feminilização da outra realidade percebida. A preformação da natureza como feminina coincide com o desejo de posse do explorador. Neste caso, a razão opõe-se ao desejo instintivo e caracteriza a justificação do domínio, ou seja, a mulher é enxergada como insaciável, regida por instintos monstruosos que transgridem a ordem natural.

Essa concepção misógina funciona como estratégia discursiva e é o combustível que move a ordem simbólica do discurso patriarcal para consolidação de sua retórica hegemônica que, marcada por construções erótico-sexuais, tem como fim a apropriação e a reificação da realidade americana. O conhecimento da natureza se dá a partir de relações analógicas com o corpo feminino nu, enxergado como objeto, daí a construção “racional” que justifica a apropriação e a exploração.

Neste caso, a realidade do continente americano é vista como receptiva, passiva, totalmente sujeita ao controle do homem europeu.

A estrutura mental do homem medieval moldada por uma série de preconceitos morais e culturais, já considera a *priori* a inferioridade do

que lhe é novo e periférico. A explicação da feminilização da América é reforçada pelos aspectos da monstrualização e naturalização.

A sexualização da terra-natureza, análoga ao corpo feminino, relaciona-se aos atos de penetração e consumação por parte do explorador. Essas imagens aparecem em Thevet, ou seja, a terra apresenta-se pronta para a penetração do europeu.

Mostra-nos a Terra, exteriormente, uma face triste e melancólica, recoberta, em sua maior parte, por pedras, espinhos, cardos e coisas que tais. No entanto, se vem o lavrador abri-la com arado ou chamma, ali encontrará a excelência do solo, pronto a produzir a mancheias e a recompensá-lo centuplicadamente³

Essa feminilização carrega em si toda uma carga preconceituosa e discriminatória, pois a imagem da mulher é associada a Satã, e possui, portanto, uma forte tendência à deformação, à desintegração moral e física, por isso é preciso que a ordem seja restabelecida pelo poder masculino.

O maniqueísmo que plasma as relações coloniais só existe em função do mal, pois o bem vence-o e assimila-o, causando então a exclusão da participação da realidade apropriada, dada a perda de suas referências culturais e de sua própria identidade.

No que se refere à naturalização e à monstrualização, André Thevet, logo nas primeiras páginas do seu livro já adverte o leitor:

Não duvido de modo algum, leitor que o presente relato não te cause um certo espanto, tanto pela diversidade dos assuntos aqui expostos, quanto por tantos outros fatos que poderão, à primeira vista, parecer antes monstruosos que naturais⁴

A inclusão desses aspectos monstruosos numa realidade que apresenta alguma conformidade cria um ponto de indecisão e leva à instauração do grotesco, ou seja, o normal que não se completa.

André Thevet, mesmo amenizando a possibilidade da existência de raças monstruosas descritas por outros autores, não descarta a existência delas:

A vasta e plana região adjacente ao Cabo é pouco habitada, por ser muito agreste, Sua população é bárbara, selvagem, e até mesmo monstruosa. Entretanto não se deve acreditar que os homens dali sejam

tão disformes quanto no-los são apresentados pelas descrições de determinados autores...Estes, por certo, deviam estar dormindo e sonhando quando tiveram o descaro de afirmar que ali haveria indivíduos com orelhas pendentes até à altura do calcanhar, ou então com apenas um olho no meio da testa ... e outros sem cabeça e ainda outros que só teriam um pé...

... não pretendo absolutamente negar a existência de monstros que fujam às normas e padrões da natureza ... mas sim rejeitar fatos que nos são apresentados como verdadeiros, conquanto que não sejam⁵

Ainda no que diz respeito ao grotesco, observe-se as seguintes passagens:

A fim de se tornarem mais disformes, perfuram os lábios, utilizando para tanto um certo espinho agudíssimo ...

Em consequência do uso de tais pedras nos orifícios dos seus lábios, os americanos ficam com o rosto totalmente deformado...

Mas quando tiram a pedra para poder falar, vê-se a saliva escorrendo pelo orifício, num espetáculo deveras repugnante. Quando algum desses patifes quer fazer zombarias com os outros, faz a língua passar por esta abertura...⁶

A naturalização da América é marcada também pelos binarismos; portanto, o colonizado é enxergado como um “material cru”, o que significa a ausência da mente que liga-se à racionalidade e opõe-se à matéria. O que se constata, então, é que para o colonizador há a total falta de intelectualidade por parte dos colonizados, fazendo-se necessário, portanto, do ponto de vista do europeu, a sobreposição cultural.

Considerando um outro binarismo: à desordem, causada pela falta de racionalidade dos indígenas, é necessário sobrepor a ordem que se caracteriza pela moral e pela lei do europeu.

A análise desse pensamento maniqueísta leva à constatação de que ocorre o processo de primitivização sempre em função dos características opostas aos civilizados. Como foi dito anteriormente, os processos de feminilização, naturalização, e seus análogos, possuem estreita relação entre si.

A primitivização liga-se fortemente à infantilização que marca a falta de malícia a ingenuidade das americanas diante dos europeus. Nesse sentido, comenta André Thevet: “A maior parte desta gentilha anda inteiramente nua”⁷

O deslumbramento diante da nova realidade americana cria um outro conceito carregado de preconceito e discriminação.

Os comportamentos humanos, mesmo, às vezes, descritos com aparente simpatia, são análogos aos de animais. Esse processo de animalização, juntamente com os demais já apontados, possui uma relação dialética com os interesses materiais. A construção “racional” de uma realidade que se torna inferiorizada, em função da sua racionalidade, abre espaço para uma maior exploração, tendo-se em vista que assim se poderá ter um “melhor aproveitamento da matéria-prima.” Então, a apropriação da antropologia do outro, pela lógica dos opostos, está intimamente relacionada aos anseios do explorador.

Observe-se a descrição de Thevet referindo-se à América em geral:

Além dos cristãos que aí se estabeleceram depois da chegada de Américo Vespúcio, esta região era e ainda é habitada por estranhíssimos povos selvagens, sem fé, lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, alimentando-se de raízes, andando sempre nus tanto os homens quanto as mulheres, à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpe esta brutalidade, para que passem a vestir-se adoeitando um procedimento mais civilizado e humano⁸

O aspecto da animalização pode ser observado nos seguintes trechos:

Os americanos, além disso, são bem conformados e possuem membros bem proporcionados. Seus olhos, contudo, são mal feitos, ou seja, são negros e vesgos. Esta característica confere ao seu olhar um aspecto que lembra o das feras selvagens.

Esqueceram-se de todos os ensinamentos das escrituras e de todos os milagres já realizados, parecendo desdenhar de tudo, isto é, agindo como feras selvagens, sem lei nem razão.⁹

Viu-se, então, que a “Invenção” da América foi consolidada. A Europa apresenta-se como comandante da história universal:

os valores e crença dessa civilização se oferecem como paradigma histórico e norma suprema para julgar e apreciar as demais civilizações¹⁰

A sociedade encontrada acaba sendo anulada, portanto carece de significado histórico. A América surge como ser físico e moral, mas a possibilidade de inserção na história só existiria através da absorção dos valores de outrem (inventor). Este seria o sentido atribuído ao acontecimento histórico do aparecimento da América.

Assim se dá a política colonizadora, ou seja, através da imitação. Entretanto, segundo O’Gorman, embora seja difícil há outra possibilidade: a da originalidade.

Mesmo que os interesses religiosos, políticos, econômicos e a organização das relações sociais sejam transplantadas da vida européia para a realidade americana e ainda por cima, sejam assegurados como sendo fruto da vontade divina, há ainda, segundo o autor, “um timbre pessoal e de uma inconformidade com a mera repetição”.¹¹

Este autor usa como exemplo para essa questão a cultura crioula. Também Alfredo Bosi, numa vertente semelhante, demonstra a força da cultura das camadas populares que leva ao processo de originalidade e marca a constituição da identidade de forma distinta à da imposição.

Esse assunto levaria a um outro grau de análise e argumentação. Entretanto, o que se seguirá agora, tem em vista os objetivos apontados na introdução do trabalho, os quais são da questão da problemática da alteridade, ou seja, a relação com o Outro que, segundo Tzvetan Todorov, não se dá numa única direção, mas sim através de três eixos: o axiológico, que é a questão do julgamento de valor; o praxiológico, que relaciona-se à aproximação ou distanciamento em relação ao Outro; e o epistemológico, que liga-se ao conhecimento ou ignorância da identidade do Outro.

Para que esses eixos possam ser observados concretamente tome-se o exemplo do canibalismo e do sacrifício.

Se há a imposição dessas práticas por alguma organização cultural, segundo Todorov, de modo algum elas devem ser condenadas (aqui refere-se ao eixo axiológico), nem mesmo quem as pratica, tendo em vista que este está apenas cumprindo uma lei.

Além do mais, ressalta ainda o autor, a prática do sacrifício tem referências históricas, pois são encontradas até mesmo na Bíblia.

O que deve-se levar em conta, então, é que na relação com o Outro, cada um possui seus próprios valores, daí a necessidade de consideração da relatividade que eles possuem. Até mesmo a noção de barbárie deve-se relativizar, pois cada um é bárbaro em relação ao outro. Todorov chama a atenção para a coexistência de idéias e valores e não para um ideal único. Daí que centro e periferia são noções tão relativas quanto as de barbárie e civilização.

O eixo praxiológico carrega em si uma forte tendência assimilacionista, pois o Mesmo enxerga os Outros não como são, mas como desejaria que fossem.

Aqui, se existir a identificação com o Outro, quase sempre é para atingir melhor os objetivos de assimilação, pois há o esquecimento da identidade cultural. Mesmo havendo momentos de embaralhamento, tal identidade cultural será sempre parcial. Entretanto, esse movimento inicial de identificação facilita, tendenciosamente, a assimilação em profundidade.

As considerações, mesmo feitas de forma muito sucinta, atestam um desconhecimento cultural; daí a construção de uma realidade considerada inferior

No eixo epistemológico, já se observa um desdobramento da personalidade. Todorov analisa esse aspecto através da observação da obra do dominicano Diego Durán.

Nesse desdobramento, o que se nota é a compreensão interna da cultura do Outro, embora o ponto de partida seja o desejo de destruição. Isso se dá porque Durán acreditava que, para haver a assimilação total, era preciso conhecer a língua e os valores do Outro. Não se deveria, portanto, aceitar no processo de assimilação somente a adoção de comportamentos exteriores e também não se deveria limitar ao essencial: isto quer dizer que o sincretismo era inaceitável, pois os valores do Outro, que foram conhecidos, deveriam ser totalmente eliminados. Nesse estado de coisas os valores europeus apareceram como paradigmáticos.

Entretanto, apesar da aversão ao sincretismo, o que aponta Todorov, em relação a Durán, é que a observação mais atenta da cultura do Outro permitiu a construção de analogias, ou seja, que entre procedimentos, modos de vida de uma e outra cultura, vários eram os pontos de convergências.

Desse modo, partir da visão interna, o sincretismo, que antes fora abominável, já não é mais assim considerado; o que ocorre então é que a nova realidade passa a ser enxergada através de outro ângulo e os preconceitos, que antes existiam com tanta intensidade, começam a deixar de existir.

Nesse passo o que se dá é a tentativa de reconciliação, ou seja, tem-se uma disposição para mestiçagem cultural, só possível em função do conhecimento interno de ambas as culturas. Esse conhecimento leva à compreensão e a um julgamento de valor positivo e não mais negativo, de forma tão intensa como se observou no presente trabalho.

Todorov ressalta que Durán não somente descreveu o exterior, mas procurou saber o porquê; procurou respostas.

Assim observa-se que na relação do eu com o Outro o que é satisfatório, o que possui êxito, no sentido em que não há anulação da nova realidade, é o eixo epistemológico, pois a relação se estabelece sem preconceitos e sem discriminação.

Segundo Todorov, o Outro deve ser descoberto para que haja aprendizagem da exterioridade e da sociabilidade:

a vida humana está contida entre dois extremos, aquele onde o eu invade o mundo e aquele onde o mundo acaba absorvendo o eu, na forma de cadáver ou de cinzas. E, como a descoberta do outro tem vários graus, desde o outro como objeto, confundindo com o mundo que o cerca, até o outro como sujeito, igual ao eu, mas diferente dele, com infinitas nuanças intermediárias.¹²

Viu-se, no decorrer deste trabalho, que ao invés de o Outro ser enxergado como igual, mesmo diante da diferença, o que houve foi que o colonizador diante da sua cobiça, num mundo que exigia cada vez mais o acúmulo de riquezas, construiu racionalmente uma realidade inferiorizada e criou uma visão protecionista idealizada para justificar o aniquilamento que se produziu não só nos seres humanos que se apresentaram diante dele, mas também em tudo que pôs os olhos.

Segundo Todorov, no encontro de culturas distintas o que deveria haver era a igualdade sem perda da identidade de qualquer que seja o lado, a diferença sem distinção de superioridade e inferioridade, a recuperação do social, sem prejuízo do individual. Dever-se-ia “viver a

diferença na igualdade”, pois há que se ter a afirmação da exterioridade do Outro juntamente com o reconhecimento dele enquanto sujeito.

ABSTRACT

This article aims at discussing the problem of the emergence of America in the West according to the perspective of Edmundo O’Gorman. The author evaluates this emergence again in a critical way and shows the “logic” construction of a downgraded reality. Therefore, it is appropriate to approach some gender issues which makes way to a sexist discourse.

NOTAS

1. FONSECA, Pedro. *Re/Descobrimdo o gênero no novo mundo: O discurso sexualizador dos descobrimentos e da conquista*, p.1.
2. Idem, p. 2.
3. THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*, p.17.
4. Idem, p.15.
5. Idem, p.83.
6. Idem, p.113.
7. Idem, p.64.
8. Idem, p.98.
9. Idem, p.75.
10. O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*, p.195.
11. Idem, p.206.
12. TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*, p.243.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. SP: Companhia das Letras, 1992.
- FONSECA, Pedro. *Re/Descobrimdo o gênero no novo mundo: O discurso sexualizador dos descobrimentos e da conquista*. Manuscrito xerografado que em breve se publicará.

- O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Unesp, 1992.
- THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.